

o terceiro desejo

saga the witcher / volume I

andrzej sapkowski

Tradução de Tomasz Barcinski

Adaptação de Rui Azeredo



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

A VOZ DA RAZÃO 1

Veio até ele de madrugada. Entrou com muito cuidado, em silêncio, deslizando pelos aposentos como um fantasma, uma aparição. O único ruído que acompanhava os seus movimentos era o da capa a roçar-lhe a pele desnudada. E foi justamente esse ténue e quase inaudível som que despertou o bruxo — ou talvez apenas o tenha emergido do estado de sonolência no qual se embalava monotonamente, como se estivesse submerso em profundezas insondáveis, pairando entre o fundo e a superfície de um mar sereno, cercado por ondulantes algas marinhas.

Não se moveu, nem sequer pestanejou. A jovem aproximou-se, despiu a capa e, hesitante, apoiou um joelho dobrado na beira da cama. O homem observava-a com os olhos semicerrados, fingindo ainda dormir. Ela posicionou-se cuidadosamente sobre o seu corpo, aprisionando-o entre as coxas. Apoiada nos braços esticados, acariciou-lhe o rosto com os cabelos, que cheiravam a camomila. Decidida e impaciente, inclinou-se e, com o bico dos seios, tocou-lhe as pálpebras, as maçãs do rosto e a boca. Ele sorriu e, com um gesto lento e delicado, abraçou-a carinhosamente. Ela endireitou o corpo, desviando-se dos seus dedos. Radiante e luminosa, ofuscava com o seu brilho a enevoada luminosidade matinal. Ele tentou mover-se, mas ela, mantendo a pressão das mãos,

impediu-o de mudar de posição e, com suaves mas decididos movimentos das ancas, exigiu uma resposta.

E ele respondeu. A jovem parou de fugir das suas mãos e, lançando a cabeça para trás, deixou cair os cabelos. A sua pele era fresca e surpreendentemente lisa. Os seus olhos — que ele pôde ver quando ela aproximou o rosto do dele — eram enormes e negros como os de uma ondina. O balanço levou-o a mergulhar num mar de camomila agitado e murmurante, envolvendo-o em paz.

O BRUXO

I

Anos mais tarde, diziam que aquele homem chegara do Norte, do Portão dos Cordoeiros. Chegou a pé, conduzindo o seu cavalo pelas rédeas. Já era tarde; as barracas dos cordoeiros e seleiros estavam fechadas e a pequena rua, deserta. Estava calor, mas o homem carregava uma pesada capa preta sobre os ombros. Dava nas vistas.

Parou diante da estalagem O Velho Narakort e ficou por uns momentos a ouvir o burburinho. Àquela hora, como de costume, o lugar encontrava-se cheio.

O desconhecido não entrou. Seguiu em frente e puxou o seu cavalo até uma taberna mais pequena, chamada A Raposa. Estava quase vazia; afinal, não tinha boa fama.

O taberneiro ergueu a cabeça de cima de uma pipa de pepinos marinados e mediu o visitante de alto a baixo. Este, ainda com a capa sobre os ombros, permaneceu diante do balcão, imóvel e calado.

— O que vai ser?

— Cerveja — pediu o desconhecido, com uma voz desagradável.

O taberneiro limpou as mãos no avental puído e encheu uma velha caneca de barro.

O desconhecido não era velho, mas tinha os cabelos quase totalmente brancos. Sob a capa, vestia um gibão de couro surrado, amarrado

nos ombros e nas axilas. Quando tirou a capa, todos puderam ver a longa espada de dois gumes presa às costas por um cinturão. Nada havia de extraordinário naquilo, já que em Wyzim quase todos andavam armados, mas ninguém carregava uma espada às costas como se fosse um arco ou uma aljava.

O desconhecido não se sentou à mesa com os poucos fregueses. Permaneceu de pé junto do balcão, encarando o taberneiro com olhos penetrantes. Bebeu um trago da caneca.

— Procuo um quarto para passar a noite.

— Não temos vagas — respondeu rudemente o taberneiro, olhando para as empoeiradas botas do recém-chegado. — Procure no Velho Narakort.

— Prefiro aqui.

— Impossível. — O taberneiro finalmente reconheceu o sotaque do desconhecido: era de Rívia.

— Pago bem — sussurrou o estranho, parecendo inseguro.

Foi então que a confusão teve início. Um magricela bexiguento, que desde o momento em que o desconhecido entrara na taberna o observava soturnamente, levantou-se da mesa e aproximou-se do balcão. Dois dos seus companheiros postaram-se atrás, a menos de dois passos.

— Não ouviu que não há lugar aqui para tipos como você, seu vagabundo riviano? — rosou o bexiguento, parando ao lado do desconhecido. — Aqui, em Wyzim, não precisamos de gente da sua laia. Esta é uma cidade decente!

O desconhecido pegou na caneca e afastou-se, olhando para o taberneiro. Este, no entanto, evitou o seu olhar. Nem lhe passava pela cabeça sair em defesa de um riviano. Afinal, quem gostava de rivianos?

— Todos os rivianos são ladrões — continuou o indivíduo, fedendo a cerveja, alho e ódio. — Ouviu o que eu disse, seu filho da mãe?

— Ele não consegue ouvir porque tem merda nos ouvidos — disse um dos que estavam atrás, fazendo o outro soltar uma gargalhada.

— Pague a conta e desapareça daqui! — gritou o bexiguento.

Só então o desconhecido olhou para ele.

— Primeiro, vou acabar a minha cerveja.

— Pois nós vamos ajudá-lo — sibilou o magricela, que arrancou a caneca da mão do riviano e, agarrando-o pelo braço, enfiou os dedos por trás da tira de couro que atravessava o peito do desconhecido. Um dos

seus comparsas preparava-se para desferir um soco. O estranho girou sobre os calcanhares, fazendo o bexiguento perder o equilíbrio. A espada sibilou de dentro da bainha e por um breve momento brilhou à luz das lamparinas. O ambiente fervilhou. Alguém gritou. Um dos fregueses precipitou-se para o exterior. Uma cadeira desabou e recipientes de barro estilhaçaram-se. O taberneiro, com lábios trémulos, ficou a olhar para o terrivelmente destroçado rosto do bexiguento, que, desprendendo aos poucos os dedos da beira do balcão, deslizou para baixo, desaparecendo como se estivesse a afogar-se. Os outros dois jaziam no chão, um deles imóvel, o outro a agitar-se convulsivamente no meio de uma poça escura cada vez maior. Um fino e histérico grito feminino soou no ar, parecendo perfurar os ouvidos. O taberneiro, a tremer como varas verdes, começou a vomitar.

O desconhecido recuou até à parede, em posição de defesa. Atento, segurava a espada com ambas as mãos, agitando a ponta no ar. Ninguém se mexia. Um misto de horror e medo cobria todos os rostos, imobilizava os membros e travava as gargantas.

Três guardas, que decerto faziam a patrulha da rua, entraram na taberna com grande estrondo. Traziam nas mãos mocas envoltas em tiras de couro, mas, diante da visão dos cadáveres, sacaram das espadas. O riviano continuava com as costas apoiadas na parede e, com a mão esquerda, arrancou um punhal do cano de uma das botas.

— Larga isso! — vociferou um dos guardas, com voz trémula. — Larga já isso, seu bandido, e vem connosco!

Outro guarda afastou com o pé uma mesa que o impedia de atingir o riviano pelo flanco.

— Vai buscar reforços, Treska! — gritou para o terceiro, que estava junto à porta.

— Não vai ser preciso — disse o desconhecido, baixando a espada. — Acompanho-vos de livre vontade.

— É lógico que sim, seu cão danado, mas acorrentado! — exclamou o da voz trémula. — Larga essa espada, senão vou rebentar-te a cabeça!

O riviano empertigou-se. Colocou rapidamente a lâmina da espada sob a axila esquerda e com a mão direita descreveu, apontando para os guardas, um rápido e complicado sinal no ar. Os inúmeros tachões que ornavam os punhos de couro do seu gibão brilharam intensamente.

Os guardas recuaram de imediato, protegendo o rosto com os

antebraços. Um dos fregueses da taberna ergueu-se de um pulo, enquanto outro corria para a porta. A mulher soltou outro grito, desta vez selvagem e assustador.

— Irei de livre vontade — repetiu o desconhecido, com voz metálica. — E vocês os três vão à frente, e levam-me ao estaroste. Não conheço o caminho.

— Sim, senhor — sussurrou o guarda, baixando a cabeça e encaminhando-se timidamente para a saída.

Os outros dois seguiram apressados atrás dele. O desconhecido seguiu os seus passos, guardando a espada na bainha e o punhal no cano da bota. Ao passar pelas mesas, os poucos comensais que restavam esconderam o rosto na gola do gibão.

II

Velerad, o estaroste de Wyzim, coçou o queixo, refletindo sobre a situação. Não era supersticioso nem medroso, mas não lhe agradava a perspectiva de ficar sozinho com o estranho de cabelos brancos. Finalmente, tomou uma decisão.

— Saiam — ordenou aos guardas. — Quanto a si, sente-se. Não, não aqui; um pouco mais afastado, se não for incómodo.

O desconhecido sentou-se. Já não segurava na espada nem usava a capa preta.

— Sou todo ouvidos — disse Velerad, brincando com uma pesada maçã pousada no tampo da mesa. — Sou Velerad, o estaroste de Wyzim. O que tem a dizer, senhor bandido, antes de ser despachado para as masmorras? Três mortos e uma tentativa de enfeitiçamento... Nada mal, nada mal. Aqui, em Wyzim, costumamos empalar os culpados por esse tipo de coisas. Mas como sou um homem justo, pretendo ouvi-lo antes. Portanto, fale.

O riviano abriu a jaqueta e tirou um pergaminho de pele de cabra branca.

— Vocês têm afixado isto nas tabernas e nas encruzilhadas — disse, baixinho. — É verdade o que aqui está escrito?

— Ah — murmurou Velerad, olhando para as runas gravadas no pedaço de pele. — Então é disso que se trata. Devia ter adivinhado. Sim, é a mais pura verdade. O pergaminho está assinado por Foltest, rei de Temeria, Ponatar e Mahakam, o que significa que é verdadeiro. Mas uma proclamação é uma proclamação e leis são leis. O meu papel aqui, em Wyzim, é fazer com que as leis sejam cumpridas, e não vou permitir que pessoas sejam assassinadas sem mais nem menos! Percebeu?

O riviano assentiu com a cabeça, demonstrando que entendera. Velerad resfolegou furiosamente.

— Tem a divisa de bruxo? — indagou.

O desconhecido voltou a enfiar a mão na jaqueta, desta vez retirando um medalhão redondo pendurado numa corrente de prata. Nele estava gravada a cabeça de um lobo com as presas arreganhadas.

— E tem nome? Pode ser qualquer um. Não estou a perguntar por curiosidade, mas para facilitar a nossa conversa.

— O meu nome é Geralt.

— Pois que seja Geralt. De Rívia, como deduzo pelo seu sotaque.

— De Rívia.

— Sabe uma coisa, Geralt? Não se envolva neste assunto — recomendou Velerad, batendo com a mão na proclamação. — É um caso bastante sério. Muitos já tentaram. Isto, meu amigo, não é o mesmo que rebentar a cabeça de um par de patifes.

— Estou ciente disso. É a minha profissão, senhor estaroste. Na proclamação está escrito: três mil ducados de recompensa.

— Três mil — confirmou Velerad, erguendo a voz. — E mais a mão da princesa, segundo dizem por aí, embora o nosso amado Foltest não tenha acrescentado isso à proclamação.

— Não estou interessado na princesa — disse calmamente Geralt, sentado, muito quieto, com as mãos sobre os joelhos. — O importante é o que está escrito: três mil ducados.

— Ah, que tempos! — O estaroste suspirou. — Que tempos desgraçados, meu senhor! Há apenas vinte anos, quem poderia imaginar, mesmo embriagado, que pudessem existir tais profissões? Bruxos! Assassinos errantes de basiliscos! Caçadores ambulantes de dragões e demónios dos pântanos! Diga-me, Geralt, a sua profissão permite-lhe beber cerveja?

— Certamente.

Velerad bateu palmas.

— Cerveja! — gritou. — Quanto a si, Geralt, chegue-se a mim.

A cerveja estava fria e espumosa.

— Vivemos tempos difíceis — monologava Velerad, bebericando da sua caneca. — Circulam por aí todos os tipos de imundícies. Em Mahakam, nas montanhas, multiplicam-se os bobolacos. Nas florestas, costumávamos ouvir o uivo dos lobos. E agora? Agora só se veem espectros, bosqueolos, lobisomens e outros seres estranhos. Nas aldeias, ondinas e carpideiras raptam criancinhas; já levaram mais de uma centena. Doenças das quais nunca se ouviu falar grassam por toda a parte. É de arrepiar. E, para completar o quadro, ainda por cima isto! — Empurrou o pergaminho pelo tampo da mesa. — Não é de estranhar, Geralt, que haja tanta demanda pelos seus serviços.

— E quanto a essa proclamação, senhor estaroste? — Geralt ergueu a cabeça. — Conhece mais detalhes?

Velerad recostou-se na cadeira e entrelaçou as mãos sobre a barriga.

— Detalhes, quer você saber? É lógico que conheço; não em primeira mão, mas de fontes seguras.

— É isso mesmo que desejo saber.

— Bem, já que parece irreduzível, preste atenção.

Velerad bebeu mais um gole de cerveja e baixou a voz.

— O nosso amado Foltest, quando ainda era príncipe, durante o reinado do pai, o velho Medell, já nos mostrara do que era capaz, e era capaz de muito. Acreditávamos que aquilo passaria com o tempo, mas pouco depois da sua coroação, logo após a morte do velho rei, Foltest superou-se. Ficámos atónitos. Em poucas palavras: fez um filho à própria irmã, Adda. Ela era mais nova, andavam sempre juntos, mas ninguém suspeitou de nada... Talvez a rainha... De qualquer modo, lá estavam a Adda com uma barriga daquelas e o Foltest a falar em casamento. Um casamento com a irmã, está a ver, Geralt? A situação complicou-se ainda mais, já que, exatamente naquela altura, Vizimir de Novigrad teve a brilhante ideia de casar a sua filha, Dalka, com Foltest, e enviou uma delegação. Tivemos de segurar o rei pelas pernas e pelos braços, porque ele queria insultar e bater nos emissários. Ainda bem que conseguimos, pois, se Vizimir se tivesse ofendido, ter-nos-ia arrancado o fígado. Depois, não sem a ajuda de Adda, que tinha influência sobre o irmão, conseguimos dissuadi-lo do seu propósito de um casamento imediato. Quando chegou a altura, Adda deu à luz. E agora preste atenção, porque

foi então que tudo começou. Não foram muitas as pessoas que viram o que nasceu, mas uma das parteiras saltou da janela da torre e morreu, enquanto a outra ficou com a mente afetada e até hoje não recuperou. Face a isso, acredito que o recém-nascido não fosse especialmente bonito. Era uma menina, que morreu logo a seguir. Imagino que ninguém teve muita pressa em cortar o cordão umbilical. Adda, por sorte, não sobreviveu ao parto. Depois, meu amigo, Foltest cometeu mais uma estupidez. A recém-nascida deveria ter sido queimada ou, sei lá, enterrada num lugar deserto, e não guardada num sarcófago na cave do castelo.

— Agora é tarde para lamentações. — Geralt ergueu a cabeça. — De qualquer modo, deveriam ter convocado um dos Versados.

— Está a referir-se àqueles charlatães com um gorro bicudo enfeitado com estrelinhas? É lógico que chamámos, mais de dez, porém apenas depois de termos tido a noção do que jazia naquele sarcófago e saía dele todas as noites. Mas não pense que começou a sair de imediato. Ah, não! Depois do enterro, tivemos sete anos de paz. Até que, numa noite de Lua cheia, ouvimos gritos no castelo. Gritos desesperados e muita agitação! Não preciso de entrar em detalhes; entende do assunto e leu a proclamação. A recém-nascida cresceu, e bastante, dentro do túmulo, e os seus dentes desenvolveram-se de maneira impressionante. Em poucas palavras, transformou-se numa estrige. É uma pena que não tenha visto os cadáveres. Eu vi. Se tivesse visto, por certo teria evitado entrar em Wyzim.

Geralt permaneceu calado.

— Então — continuou Velerad —, como lhe disse, Foltest convocou imensos feiticeiros. Puseram-se a gritar, cada um mais alto do que o outro, e faltou pouco para se agredirem com aqueles cajados com que andam por aí, decerto para afugentar os cães quando alguém os atija contra eles. E estou convencido de que as pessoas costumam atijá-los com frequência. Perdoe-me, Geralt, se tem outra opinião dos feiticeiros. Levando em conta a sua profissão, provavelmente tem, mas para mim não passam de boçais e aproveitadores. Vocês, bruxos, despertam mais confiança. Pelo menos, vocês são... como dizer?, mais específicos.

Geralt sorriu, mas não fez nenhum comentário.

— Mas voltemos ao assunto principal. — O estaroste olhou para dentro da caneca e despejou mais cerveja, na sua e na do riviano. — Algumas recomendações dos feiticeiros nem pareciam assim tão estúpidas. Um deles sugeriu que a estrige fosse incendiada, com o sarcófago

e o castelo; outro recomendou que lhe cortassem a cabeça com uma espada; os demais eram partidários de cravar estacas de bétula em várias partes do corpo, evidentemente durante o dia, quando, exausta pelas excursões noturnas, estivesse a dormir no caixão. No entanto, um velho eremita corcunda, com um gorro em bico no crânio totalmente calvo, afirmou que tudo não passava de um encanto fácil de desfazer e que a estrige voltaria a ser a filhinha de Foltest, linda como uma pintura. Para isso, bastaria passar uma noite na cripta. Então, imagine, Geralt, quão mentecapto ele era, o tal velhinho foi passar a noite na cave do castelo. Como pode imaginar, não sobrou muito dele... aparentemente apenas o gorro e o cajado. Mas Foltest agarrou-se a essa ideia com unhas e dentes, proibiu qualquer tentativa de matar a estrige e atraiu para Wyzim charlatães e mais charlatães de todos os recantos do reino para que desfizessem o feitiço, transformando o monstro numa princesinha. Aquilo, sim, era uma corja de patifes! Umas velhotas corcundas, uns pernetas, todos sujos, sarnentos... davam pena. E, então, todos começaram a fazer encantos, principalmente sobre pratos de comida e canecos de cerveja. É verdade que Foltest ou o Conselho de Anciões desmascararam rapidamente vários deles, até penduraram alguns em ameias... mas poucos, muito poucos. Eu teria enforcado todos. Acho que não preciso de acrescentar que a estrige cada dia devorava mais pessoas, sem dar a mínima importância aos encantamentos nem ao facto de Foltest já não morar no castelo. Aliás, já ninguém morava lá.

Velerad interrompeu o seu relato. O bruxo permanecia calado.

— E assim continua, Geralt, já há mais de seis anos, porque aquilo nasceu há uns catorze. Neste período, tivemos outras preocupações, pois travámos uma guerra com Vizimir de Novigrad, por motivos específicos e compreensíveis: deslocamento de marcos fronteiriços, e não histórias de filhas ou laços de parentesco. Foltest, diga-se de passagem, começa a falar em matrimónio e examina os retratos enviados dos reinos vizinhos, em vez de os atirar para o lixo, como antes. Apesar disso, volta e meia é tomado por um novo acesso e despacha cavaleiros à procura de outros feiticeiros. Prometeu uma recompensa de três mil ducados, atraindo para cá todo o tipo de destrambelhados, cavaleiros andantes e até um pastorzinho, um idiota conhecido em toda a região, que descansa em paz. Entretanto, a estrige vai muito bem, obrigado. Só que de vez em quando come alguém. Uma pessoa habitua-se. Quanto aos heróis que

tentam desenfiteiçá-la, temos a vantagem de a besta saciar a fome com eles e não precisa de vogar para fora dos muros do castelo. E Foltest tem um castelo novo, bem bonito.

— Durante todos estes anos... — Geralt ergueu a cabeça. — Em mais de seis anos ninguém conseguiu resolver o problema?

— Pois, ninguém. — Velerad lançou um olhar penetrante ao bruxo. — Porque, ao que tudo indica, o problema é insolúvel e temos de nos conformar com isso. Estou a referir-me a Foltest, o nosso benévolo e amado senhor, que continua a afixar essas proclamações em todas as encruzilhadas. No entanto, o número de voluntários tem vindo a diminuir consideravelmente. Há pouco tempo apareceu um, mas queria receber os três mil com antecedência. Diante disso, enfiámo-lo num saco que atirámos ao lago.

— Não faltam trapaceiros.

— Não, não faltam. Na verdade, há muitos — concordou o estaroste, sem tirar os olhos do bruxo. — Por isso, quando for ao castelo, não peça o pagamento antecipado. Isto é, se realmente lá for.

— Irei.

— Bem, é um assunto seu. Mas não se esqueça do meu conselho. E, já que estamos a falar da recompensa, ultimamente têm circulado rumores sobre a sua segunda parte, que cheguei a mencionar-lhe: a mão da princesa. Não sei quem inventou isso, porém, se a estrige tem a aparência que as pessoas dizem, a piada é definitivamente de mau gosto. Mesmo assim, não faltaram idiotas que vieram a pleno galope ao castelo assim que surgiu a notícia da oportunidade de entrar na família real. Dois aprendizes de sapateiros. Porque é que os sapateiros são tão estúpidos, Geralt?

— Não sei. E bruxos, senhor estaroste? Apareceram alguns?

— Então não? Vários. Quando eram informados de que a estrige deveria ser desenfiteçada e não morta, encolhiam os ombros e iam-se embora. Foi em parte por isso que cresceu o meu respeito pelos bruxos, Geralt. Houve um, mais jovem do que você, cujo nome não consigo recordar, se é que ele se identificou... Esse, bem tentou.

— E...?

— A nossa vampiresca princesa espalhou as tripas dele por uma área equivalente a meia distância percorrida por uma flecha disparada de um arco.

Geralt abanou a cabeça.

— E ele foi o único?

— Houve mais um...

Velerad interrompeu a frase, mas Geralt não o apressou.

— Sim — disse finalmente o estaroste. — Houve mais um. No começo, quando Foltest o ameaçou com a força caso matasse ou ferisse a estrige, ele soltou uma gargalhada e preparou-se para partir. Só que, depois...

Velerad baixou ainda mais a voz e, quase sussurrando, inclinou-se sobre a mesa.

— Depois, ele acabou por aceitar a tarefa. Saiba, Geralt, que aqui em Wyzim temos homens de bem, alguns ocupando altos postos administrativos, a quem repugna toda esta história. Circula o boato de que estes homens tiveram um encontro secreto com o tal bruxo para o convencer a deixar os escrúpulos de lado e, em vez de tentar qualquer tipo de exorcismo, simplesmente matar a estrige, dizendo ao rei que os feitiços não tinham funcionado e que a sua filhinha caíra das escadas, ou seja, que ocorrera um acidente de trabalho. O rei, evidentemente, ficaria furioso, mas não pagaria um ducado sequer de recompensa. O astuto bruxo respondeu que, se era para não receber, então eles que enfrentassem a estrige. E então, o que podíamos fazer? Quotizámo-nos, pechinchámos... mas não deu em nada.

Geralt ergueu as sobrancelhas.

— Em nada, repito. O bruxo não quis fazer o trabalho na primeira noite. Ficou a rondar o castelo, a perambular pelos arredores. Por fim, segundo dizem, viu a estrige, certamente em ação, pois a besta não sai da cripta só para esticar as pernas. Viu-a e desapareceu na mesma noite. Nem se despediu.

Geralt contorceu os lábios numa expressão que provavelmente deveria ser um sorriso.

— E esses homens de bem — começou — devem ter guardado aquele dinheiro, não? Os bruxos não costumam cobrar adiantado.

— Claro — respondeu Velerad. — É lógico que guardaram.

— E aquele boato não fazia alusão à quantia envolvida?

Velerad exibiu um sorriso malandro.

— Uns dizem que era de oitocentos...

Geralt fez um movimento de negação com a cabeça.

— Já outros — murmurou o estaroste —, falam de mil.

— O que não é muito, considerando que os boatos costumam exagerar em tudo. Afinal, o rei oferece três mil.

— Não se esqueça da prometida — ironizou Velerad. — Mas o que estamos para aqui a dizer? É óbvio que jamais irá receber os três mil.

— É óbvio, porquê?

Velerad desferiu um soco no tampo da mesa.

— Geralt, não estrague a imagem que tenho dos bruxos. Isto dura há mais de seis anos! A estrige acaba com meia centena de pessoas por ano; é verdade que ultimamente menos, porque todos se mantêm longe do castelo. Não, meu amigo, já vi muitos encantamentos e acredito, claro que só até certo ponto, em magos e bruxos. Mas a tal história de desenfeitiçamento não passa de uma parvoíce que germinou na cabeça daquele velho corcunda, que enlouqueceu de vez por causa da comida de eremitas; um disparate em que ninguém acredita. Ninguém, exceto Foltest. Não, Geralt! Adda deu à luz uma estrige por ter dormido com o próprio irmão. Essa é a verdade e não há nada a fazer. Ela come pessoas como todas as estriges, e a única solução é matá-la, de maneira simples e normal. Ouça, há cerca de dois anos um dragão andava a devorar as ovelhas de uns incultos de algum buraco no fim do mundo, perto de Mahakam. Formaram um grupo e mataram o bicho à paulada, e nem sequer acharam que deveriam gabar-se do feito. Nós, aqui em Wyzim, aguardamos por um milagre e entrincheiramo-nos em casa nas noites de Lua cheia, ou amarramos criminosos a estacas diante do castelo, à espera que a besta se sacie com eles e regresse ao seu túmulo.

— Não deixa de ser um método prático. — O bruxo sorriu. — E a criminalidade diminuiu?

— Nem por isso.

— Como é que se chega ao novo castelo?

— Vou lá levá-lo pessoalmente. E quanto à proposta dos homens de bem?

— Senhor estaroste — disse Geralt. — Para quê apressar-se? Há a possibilidade de ocorrer um acidente durante o meu trabalho, independentemente da minha intenção. Nesse caso, os homens de bem deveriam pensar numa forma de me proteger da fúria do rei e preparar os mil e quinhentos ducados mencionados no boato.

— Eu falei em mil.

— Não, senhor Velerad — retrucou o bruxo, com determinação. — Aquele a quem ofereceram mil ducados fugiu assim que viu a estrige e nem chegou a regatear, o que significa que o risco é superior a mil. Será superior a mil e quinhentos? Veremos. É claro que vou despedir-me antes de me ir embora.

Velerad coçou a cabeça.

— Que tal mil e duzentos?

— Não, senhor estaroste. O trabalho não é fácil. O rei oferece três mil, e tem de ser dito que às vezes desenfeitiçar é mais fácil do que matar. Afinal, se matar a estrige fosse tão fácil, algum dos meus predecessores já o teria feito. Ou acha que se deixaram matar só por medo do rei?

— Que seja, meu amigo. — Velerad acenou sombriamente com a cabeça. — Estamos combinados. Mas quando estiver diante do rei, aconselho-o de todo o coração que não diga uma palavra sobre a possibilidade de um acidente de trabalho.

III

Foltest era esbelto e tinha um rosto bonito — demasiado bonito, até. O bruxo percebeu que ainda não completara quarenta anos. Estava sentado numa cadeira de braços em forma de gnomo, esculpida em madeira escura, com as pernas estendidas na direção de uma lareira junto da qual se aqueciam dois cães. Ao lado dele, sentado sobre uma arca, encontrava-se um homem mais velho, de barba e complexão robusta. Atrás do rei, de pé, havia mais uma pessoa, ricamente vestida e com feições orgulhosas. Um nobre influente.

— Um bruxo de Rívia — disse o rei, após um momento de silêncio que se seguiu ao discurso introdutório de Velerad.

— Sim, majestade — anuiu Geralt, fazendo uma vénia.

— O que fez encanecer tanto os seus cabelos? Excesso de feitiçarias? Posso ver que não é velho. Tudo bem, tudo bem. Não precisa de responder; estava a brincar. Tem experiência?

— Sim, majestade.

— Então, fale-me dela.

Geralt fez uma vénia ainda mais profunda.

— Vossa majestade deve estar ciente de que o nosso código de conduta não nos permite falar sobre o que fazemos.

— É um código muito conveniente, senhor bruxo; muito conveniente. Mas assim, sem entrar em detalhes, já teve algo a ver com seres das trevas?

— Sim.

— E com vampiros e leshys?

— Sim.

Foltest hesitou por um momento.

— E com estriges?

Geralt ergueu a cabeça e fixou o rei diretamente nos olhos.

— Também.

Foltest desviou o olhar.

— Velerad! — chamou.

— Às ordens de vossa majestade.

— Já o pôs a par de todos os detalhes?

— Sim, majestade. Ele afirma que a princesa pode ser desenfeitiçada.

— Sei disso há muito tempo. De que modo, senhor bruxo? Ah, é verdade, já me esquecia... o tal código. Muito bem; apenas uma pequena advertência. Estiveram aqui vários bruxos. O Velerad contou-lhe? Ótimo. E foi por eles que soube que a sua especialidade é mais a de matar do que de desenfeitiçar. Quero que saiba que isso está fora de questão. Se cair um só fio da cabeça da minha filha, a sua vai parar ao cepo. É tudo. O Ostrit e o senhor Segelin deverão ficar aqui e dar-lhe todas as informações de que necessitar. É costume dos bruxos fazerem muitas perguntas. Deem-lhe comida e que durma no castelo. Não quero que ande por aí a vaguear pelas tabernas.

O rei levantou-se, assobiou aos cães e encaminhou-se para a saída, fazendo esvoaçar a palha que cobria o piso dos aposentos. Ao chegar à porta, virou-se e disse:

— Se conseguir, bruxo, a recompensa será sua. Talvez até lhe acrescente algo, caso faça um bom trabalho. Obviamente, o boato sobre a possibilidade de se casar com a princesa não contém um pingão de verdade. Ou acredita que eu daria a mão da minha filha ao primeiro vagabundo que passasse por aqui?

— Não, majestade, não acredito.

— Muito bem. Isso mostra que é inteligente.

Foltest saiu, fechando a porta atrás de si. Velerad e o nobre, Ostrit, que até àquele momento se tinham mantido de pé, imediatamente se sentaram à mesa. O estaroste sorveu o resto do vinho da taça real, olhou para dentro do cântaro e soltou um palavrão. Ostrit, que ocupou o lugar do rei, ficou a olhar para o bruxo com o cenho franzido, alisando com as mãos os braços esculpido da cadeira. O barbudo Segelin fez um gesto para Geralt.

— Sente-se, senhor bruxo, sente-se. Já vão servir o jantar. Sobre o que pretendia conversar? Acho que o estaroste Velerad já lhe disse tudo o que poderia ser dito. Conheço-o bem; sei que, se ele pecou, foi mais por excesso do que por falta de detalhes.

— Tenho apenas algumas perguntas.

— Pois então, faça-as.

— O estaroste contou-me que, após o aparecimento da estrige, o rei convocou muitos Versados.

— É verdade. Mas nunca use o termo «estrige»; fale sempre em «princesa». Assim, diminuirá o risco de cometer esse erro na presença do rei... e de enfrentar todas as complicações daí resultantes.

— Entre os Versados havia alguns conhecidos? Famosos?

— Havia, tanto na altura como agora. Não me lembro dos nomes... E o senhor, Ostrit?

— Também não me lembro — respondeu este. — Mas sei que alguns deles desfrutavam de fama e reconhecimento. Falou-se muito sobre isso.

— E todos concordavam com a tese de que o feitiço poderia ser desfeito?

— Longe disso. — Segelin sorriu. — Discordavam de tudo. No entanto, uns afirmavam que poderia ser desfeito; que seria algo relativamente simples, sem a necessidade de habilidades mágicas. Pelo que entendi, bastaria alguém passar uma noite, desde o pôr do Sol até ao terceiro canto do galo, na cave do castelo, junto do sarcófago.

— Efetivamente, algo muito simples — gozou Velerad.

— Gostaria de ouvir uma descrição da... princesa.

Velerad ergueu-se de um pulo.

— A princesa tem o aspeto de uma estrige! — gritou. — A mais estrigenta das estriges de que ouvi falar! *Sua Alteza Real*, a maldita filha bastarda do rei, mede quatro côvados, lembra uma pipa de cerveja, tem

uma bocarra que vai de orelha a orelha e está cheia de dentes afiados como estiletos, olhos vermelhos e cabelos ruivos! Os seus braços, tão compridos que chegam ao chão, são providos de garras como as de um lince! Espanta-me o facto de ainda não termos começado a enviar o seu retrato às cortes vizinhas! A princesa, que a peste negra a sufoque, já tem catorze anos e está mais do que na altura de a casar com um príncipe qualquer!

— Acalme-se, estaroste — pediu Ostrit, franzindo o sobrolho e olhando de esguelha para a porta.

Segelin esboçou um sorriso.

— A descrição — disse —, embora tão imagética, é suficientemente correta, e imagino que era isso que desejava o nobre bruxo, não? Velerad esqueceu-se de mencionar que a princesa se move com uma rapidez extraordinária e é muito mais forte do que a sua altura e constituição física fazem supor. E o facto de ela ter catorze anos é uma verdade, se é que isso tem alguma importância.

— E tem — afirmou o bruxo. — Ela ataca apenas nas noites de Lua cheia?

— Sim — respondeu Segelin —, quando ataca fora do castelo antigo. Dentro dele muitas pessoas desapareceram independentemente das fases da Lua. Mas ela só sai no plenilúnio, e mesmo assim não em todos.

— Teria havido pelo menos um só ataque durante o dia?

— Não. De dia, não.

— Ela devora sempre as suas vítimas?

Velerad cuspiu vigorosamente na palha.

— Irra! E isso é pergunta que se faça logo quando vão servir o jantar, Geralt?! — exclamou. — Ela devora-os, crava-lhes os dentes, come apenas uma parte ou deixa-os inteiros, certamente dependendo do seu humor no momento. Arrancou a cabeça de um, estripou dois e nos outros deixou apenas os ossos... filha da mãe!

— Tenha cuidado com o que diz, Velerad — repreendeu-o com severidade Ostrit. — Pode dizer o que quiser sobre a estrixe, mas não ofenda Adda na minha presença apenas porque não tem coragem de o fazer diante do rei!

— Alguém sobreviveu ao ataque? — perguntou o bruxo, fingindo não ter percebido a explosão do nobre.

Segelin e Ostrit entreolharam-se.

— Sim — respondeu o barbudo. — Logo no início, há uns seis anos, ela atirou-se a dois soldados que estavam de guarda à cripta. Um deles conseguiu fugir.

— E mais tarde — acrescentou Velerad —, houve o caso do moleiro que ela atacou fora dos muros da cidade. Lembram-se?

IV

No dia seguinte, já a noite ia avançada, o moleiro foi levado ao pequeno quarto sobre a casa da guarda no qual fora alojado o bruxo. Acompanhava-o um guarda encapuzado.

A conversa não gerou grandes resultados. O moleiro estava apavorado, tartamudeava, gaguejava. Muito mais revelaram ao bruxo as suas cicatrizes: a estrige tinha uma impressionante abertura de maxilares e dentes realmente afiados, dentre os quais quatro caninos superiores, dois de cada lado, muito longos; as suas garras eram com certeza mais afiadas do que as de um lince, embora menos recurvadas. Aliás, foi exatamente graças a isso que o moleiro conseguiu escapar com vida.

Concluído o seu exame, o bruxo fez sinal ao moleiro e ao guarda, indicando-lhes a saída. O guarda empurrou o camponês para fora do aposento e tirou o capuz. Era Foltest em pessoa.

— Sente-se, não precisa de se levantar — disse o rei. — Esta visita não é oficial. Ficou satisfeito com a entrevista? Soube que de manhã esteve no castelo antigo.

— Sim, majestade.

— E quando pretende agir?

— Faltam quatro dias para o plenilúnio. Agirei logo a seguir.

— Quer ter tempo para a observar antes?

— Não. Mas a es... a princesa estará menos ágil.

— A estrige, mestre, a estrige. Não percamos tempo com diplomacia. Só mais tarde a estrige voltará a ser princesa. Aliás, é sobre isso mesmo que vim conversar consigo. Responda sem ser de modo oficial, faça-o de uma maneira clara e concisa: voltará ou não? E não se esconda atrás de nenhum código de honra.

Geralt esfregou a testa e respondeu:

— Confirmo, majestade, que o feitiço pode ser desfeito. E, a não ser que eu esteja enganado, efetivamente passando uma noite no castelo. Caso o terceiro canto do galo surpreenda a estrige fora do sarcófago, o encanto será quebrado. É assim que se costuma agir com estriges.

— É assim tão simples?

— Bem, não é tão simples quanto vossa majestade imagina. Em primeiro lugar, vai ser preciso sobreviver à noite em questão. Existem, também, variantes desse método, como passar três noites no castelo em vez de uma. Além disso, podem surgir complicações, imprevistos, até... acidentes fatais.

— Sim — indignou-se Foltest. — Algumas pessoas não se cansam de me falar disso. Segundo elas, o monstro deve ser morto, por ser um caso incurável. Mestre, tenho a certeza que lhe disseram para matar, de imediato e sem cerimónias, a devoradora de seres humanos e depois dizer ao rei que não havia outra solução. O rei não vai pagar, mas nós pagaremos. Trata-se de um meio muito prático. E barato, porque o rei mandará decapitar ou enforcar o bruxo e o ouro continuará no bolso deles.

— E o rei mandaria decapitar o bruxo assim, sem mais nem menos? — perguntou Geralt, fazendo uma careta.

Foltest fixou o riviano nos olhos durante muito tempo.

— O rei não sabe — respondeu por fim. — Mas o bruxo deveria levar em consideração essa possibilidade.

Foi a vez de Geralt permanecer calado por um momento.

— Pretendo fazer tudo o que estiver ao meu alcance para a preservar — respondeu em seguida. — Mas se as coisas correrem mal, defenderei a minha vida, e vossa majestade também deve levar em consideração essa eventualidade.

Foltest levantou-se.

— Não me entendeu — disse. — Não é esse o caso. É óbvio que terá de a matar por imperiosa necessidade, independentemente de isso me agradar ou não. Porque, se não o fizer, ela matá-lo-á sem a menor sombra de dúvida. É um assunto sobre o qual não me pronuncio oficialmente, mas jamais castigaria alguém que a matasse em legítima defesa. Mas não permitirei que seja morta antes de esgotadas todas as possibilidades

de salvação. Já tentaram incendiar o castelo antigo, dispararam flechas na sua direção, escavaram buracos, prepararam armadilhas e engenhos, até ao momento em que mandei enforcar algumas pessoas. No entanto, não é disso que se trata. Ouça-me, mestre.

— Sou todo ouvidos.

— Se entendi bem, depois do terceiro canto do galo, acabar-se-á a estrige. E o que ficará no seu lugar?

— Se tudo correr bem, uma menina de catorze anos.

— De olhos vermelhos? Com dentes de crocodilo?

— Uma adolescente normal. Só que...

— Continue, continue.

— Normal, fisicamente.

— E quanto ao aspeto psíquico? Todos os dias, um balde de sangue ao pequeno-almoço? A coxa de uma donzela?

— Não. Psiquicamente... É difícil colocar isso em palavras... Creio que ela estará ao nível de uma criança de três a quatro anos. Vai precisar de cuidados especiais durante bastante tempo.

— Isso já percebi. Mas há outra coisa que me preocupa.

— O quê?

— Que aquilo possa reaparecer mais tarde.

O bruxo permaneceu calado.

— Ah! — disse o rei. — Quer dizer que é possível. E o que deverá ser feito nesse caso?

— Se ela falecer após um desmaio de vários dias, o seu corpo deverá ser queimado o mais rapidamente possível.

Foltest ensombrou-se.

— Mas creio que as coisas não chegarão a esse ponto — acrescentou Geral. — Para maior segurança, darei a vossa majestade algumas indicações no intuito de diminuir o risco.

— Já? Não é demasiado cedo, mestre? E se...

— Já, neste instante — interrompeu-o o riviano. — Tudo é possível, majestade. Pode acontecer que vossa majestade encontre na cripta uma criança desenfeitada e, ao lado dela, o meu cadáver.

— A sério? Apesar da minha permissão para defender a sua vida, à qual parece não dar a devida importância?

— Trata-se de um caso bastante sério, e o risco é enorme. Por isso é preciso que vossa majestade preste muita atenção: a princesa

deverá andar sempre com uma safira, de preferência uma inclusão, pendurada ao pescoço numa fina corrente de prata. Sempre. De dia e de noite.

— O que é uma inclusão?

— É uma safira com uma bolha de ar no interior. Além disso, no quarto em que ela dormir, volta e meia deverão ser queimados na lareira alguns ramos de zimbro, genista e aveleira.

Foltest ficou pensativo.

— Agradeço-lhe os conselhos, mestre. Vou segui-los caso... Agora é a sua vez de me ouvir com atenção. Se chegar à conclusão de que a situação é desesperante, mate-a. Caso consiga desfazer o feitiço e a rapariga não for... normal... se tiver a menor sombra de dúvida de que o seu trabalho não foi concluído totalmente, mate-a. Não precisa de ter medo, pois não lhe farei mal algum. Gritarei consigo à frente dos outros, expulsá-lo-ei do castelo e da cidade, nada mais. Obviamente, não lhe pagarei a recompensa, mas talvez você consiga regatear alguma coisa de... sabe a quem me refiro.

O rei e o bruxo ficaram em silêncio por um momento.

— Geralt... — disse o rei, pela primeira vez dirigindo-se ao bruxo pelo seu primeiro nome.

— Sim, majestade...

— Quanto há de verdade naquilo que andam a dizer de que a criança ficou assim porque a Adda era minha irmã?

— Não muito. Um feitiço tem de ser lançado por alguém; não existe feitiço capaz de se lançar por si mesmo. Por outro lado, creio que a relação incestuosa de vossa majestade tenha sido o motivo para o enfeitiçamento e para o resultado daí advindo.

— É o que penso. Foi o que me disseram alguns Versados, embora não todos. Geralt? De onde vêm esses encantamentos e magias?

— Não sei, majestade. Os Versados ocupam-se do estudo dos motivos dessas aparições. Para nós, bruxos, basta sabermos que uma forte determinação pode causar tal tipo de assombrações e dispormos de conhecimentos para as derrotarmos.

— Matando-as?

— Na maior parte das vezes, sim. Aliás, é para isso que somos pagos mais frequentemente. São poucos os que nos contratam para quebrarmos feitiços. Em regra, as pessoas querem apenas proteger-se de uma

ameaça. No entanto, se o monstro tem seres humanos a pesar-lhe na consciência, então um desejo de vingança poderá vir a fazer parte do jogo.

O rei levantou-se, deu alguns passos pelo aposento e parou diante da espada do bruxo pendurada na parede.

— Com esta? — indagou, sem olhar para Geralt.

— Não. Essa é para humanos.

— Foi o que ouvi dizer. Sabe de uma coisa, Geralt? Irei consigo à cripta.

— Isso está fora de questão.

Foltest virou-se. Os seus olhos brilhavam.

— Dá-se conta, feiticeiro, de que não cheguei a vê-la? Nem logo após o seu nascimento, nem... depois. Tive medo. Pode ser que nunca mais a veja, não é verdade? Por isso, tenho o direito de estar presente quando a matar.

— Repito que isso está fora de questão. Seria morte certa, tanto para vossa majestade, como para mim. Se eu perder um mínimo de concentração, de força de vontade... Não, majestade.

Foltest encaminhou-se para a porta. Por um momento, Geralt teve a impressão de que sairia sem dizer uma palavra, sem um gesto de despedida. Mas o rei parou, virou-se e olhou para ele.

— Você inspira confiança — disse —, apesar de eu saber quão traçoeiro pode ser. Contaram-me o que se passou naquela taberna. Tenho a certeza de que matou aqueles vagabundos exclusivamente para chamar a atenção para si, para chocar as pessoas e chegar a mim. Está mais do que claro que poderia contê-los sem a necessidade daquela matança toda. Nunca saberei se veio para salvar a minha filha ou para a matar. Mas aceito. Sou forçado a aceitar. E sabe porquê?

Geralt não respondeu.

— Porque acho — continuou o rei — que ela está a sofrer. Tenho razão?

O bruxo olhou para ele com os olhos penetrantes. Não confirmou, não abanou a cabeça, não fez gesto algum. Entretanto, Foltest compreendeu. Sabia a resposta.

Geralt olhou pela janela do castelo pela última vez. Anoitecia rapidamente. Do outro lado do lago, tremulavam as pouco visíveis luzes de Wyzim. Toda a área em volta do castelo se tornara um descampado, um cinturão de terra de ninguém que, nos últimos seis anos, separava a cidade daquele lugar perigoso. Nada havia ali além de ruínas, vigas apodrecidas e restos de uma paliçada cheia de brechas que, ao que tudo indicava, não teria valido a pena desmontar e transportar para outro lugar. O próprio rei transferira a sua residência para o mais longe possível, no lado oposto da cidade. A corpulenta torre do novo castelo avultava à distância, tendo por fundo o escuro céu azul-marinho.

O bruxo olhou à volta do quarto, vazio e devastado, e retornou à empoeirada mesa, junto da qual, lenta e calmamente, começou a preparar-se. Sabia que dispunha de tempo. A estrige não sairia da cripta antes da meia-noite.

Sobre a mesa havia uma pequena caixa com guarnições metálicas. Abriu-a. No seu interior, apertados em minúsculos compartimentos forrados a feno, encontravam-se diversos frasquinhos de vidro escuro. O bruxo retirou três deles.

Levantou do chão um embrulho comprido, envolto em pele de ovelha e amarrado com tiras de couro. Desenrolou-o e dele tirou uma espada de punho lavrado. A lâmina era protegida por uma brilhante bainha coberta de fileiras de runas e símbolos místicos. O bruxo desnudou a lâmina, que brilhou como um espelho. Era de prata pura.

Geralt sussurrou uma fórmula mágica e bebeu o conteúdo de dois dos frascos, pondo, a cada gole, a mão sobre a empunhadura da espada. Depois, envolveu-se cuidadosamente no seu manto negro e sentou-se no chão, já que no aposento, assim como em todo o castelo, não havia cadeiras.

Permaneceu imóvel e com os olhos cerrados. A respiração, regular de início, foi ficando acelerada, rouca, agitada, e então cessou por completo. A mistura graças à qual o bruxo assumira pleno controlo de todos os órgãos do corpo era composta, basicamente, de veratro, estramónio, pilriteiro e eufórbio; os demais ingredientes não tinham nome em nenhuma língua humana. Para alguém que, ao contrário de

Geralt, não estivesse acostumado à mistura desde criança, seria um veneno mortal.

O bruxo virou repentinamente a cabeça. A sua audição, potenciada ao extremo naquele momento, captou sem dificuldade o som de passos no pátio coberto de urtigas. Não podia ser a estrige; era muito cedo. Geralt colocou a espada às costas, ocultou o embrulho na chaminé da lareira e, silencioso como um morcego, desceu as escadas a correr.

O pátio ainda estava claro o suficiente para que o homem que se aproximava pudesse ver o rosto do bruxo. Era o nobre Ostrit, que recuou um passo; um involuntário esgar de terror e repugnância contorceu-lhe os lábios. O bruxo sorriu ironicamente, pois sabia qual era o seu aspeto. Depois de ingerir a mistura de beladona, acónito e eufrásia, o seu rosto adquirira a cor de giz e as pupilas tinham-se expandido por toda a íris. O elixir, no entanto, permitia ver no escuro, e era isso que Geralt desejava.

Ostrit recuperou rapidamente o autocontrolo.

— Já está com a aparência de um cadáver, feiticeiro — disse —, certamente de medo. Mas não precisa de ficar assustado. A sua clemência chegou.

O bruxo não respondeu.

— Não ouviu o que eu disse, riviano astuto? Está salvo. E rico. — Ostrit pesou na mão uma bolsa de razoável tamanho e atirou-a aos pés de Geralt. — Mil ducados. Pegue neles, monte no seu cavalo e desapareça daqui!

O riviano continuou calado.

— Não fique de olhos arregalados! — exclamou Ostrit, erguendo a voz. — E não desperdice o meu tempo. Não tenho a mínima intenção de ficar aqui até à meia-noite. Já me percebeu? Não quero que desfaça feitiço algum. Não, não pense que adivinhou. Não faço parte da conspiração do Velerad e do Segelin; não quero que a mate. Tudo o que deve fazer é desaparecer daqui. As coisas têm de continuar como estão.

O bruxo não se mexeu. Não queria que o nobre percebesse o quanto as suas reações e movimentos se aceleravam naquele instante. Escurecia rapidamente, e isso era vantajoso para ele, pois até a penumbra do crepúsculo era muito clara para as suas pupilas dilatadas.

— E, caro nobre, porque é que as coisas têm de continuar como estão? — perguntou, esforçando-se para proferir lentamente cada palavra.

— Eis algo que não lhe diz respeito — respondeu Ostrit com atrevimento.

— E se eu já o soubesse?

— Ah, sim? Prossiga.

— Não seria mais fácil destituir Foltest do trono se a estrige ameaçasse ainda mais as pessoas e a loucura do rei desagradasse a todos, tanto aos nobres como à população? Vindo para cá, passei pela Redânia e por Novigrad. Comenta-se por lá que não faltam pessoas em Wyzim que consideram o rei Vizimir um libertador e um rei de verdade. Só que a mim, prezado senhor Ostrit, não me interessa nada a política, nem a questão sucessória de tronos, tampouco golpes palacianos. Estou aqui para executar uma tarefa. Será que nunca ouviram falar do sentimento de obrigação ou de simples honestidade? De ética profissional?

— Não sabe com quem está a falar, vadio?! — exclamou Ostrit, colocando a mão no punho da espada. — Basta! Não tenho o hábito de discutir com qualquer um! Quem é você para me falar de ética, de moral e de códigos de comportamento? Um zé-ninguém que, assim que chega, mata três pessoas? Alguém que se curva em mesuras diante de Foltest, enquanto, nas suas costas, regateia com Velerad como um assassino a soldo? E atreve-se a erguer a cabeça diante de mim? Quer armar-se em Versado? Um grande mago? Um feiticeiro? Você, um bruxo imundo? Desapareça daqui antes que o esmurre com a lâmina da minha espada!

O bruxo não se moveu, respondendo calmamente:

— É o senhor Ostrit que vai desaparecer. Está a escurecer.

O nobre deu um passo para trás e sacou da sua espada.

— Foi você que pediu isto, feiticeiro. Vou matá-lo. De nada lhe servirão os seus truques, pois disponho de uma pedra-tartaruga.

Geralt sorriu. A reputação do poder das pedras-tartaruga, que não passavam de matérias minerais formadas pela ação das águas, de formato oval e com ranhuras na superfície, era tão dispersa quanto falsa. O bruxo, porém, não quis perder tempo com fórmulas mágicas, menos ainda em cruzar a lâmina de prata da sua espada com a de Ostrit. Esquivou-se dos movimentos giratórios da arma do nobre e desferiu-lhe um golpe na testa com o punho da manga adornado de tachões de prata.